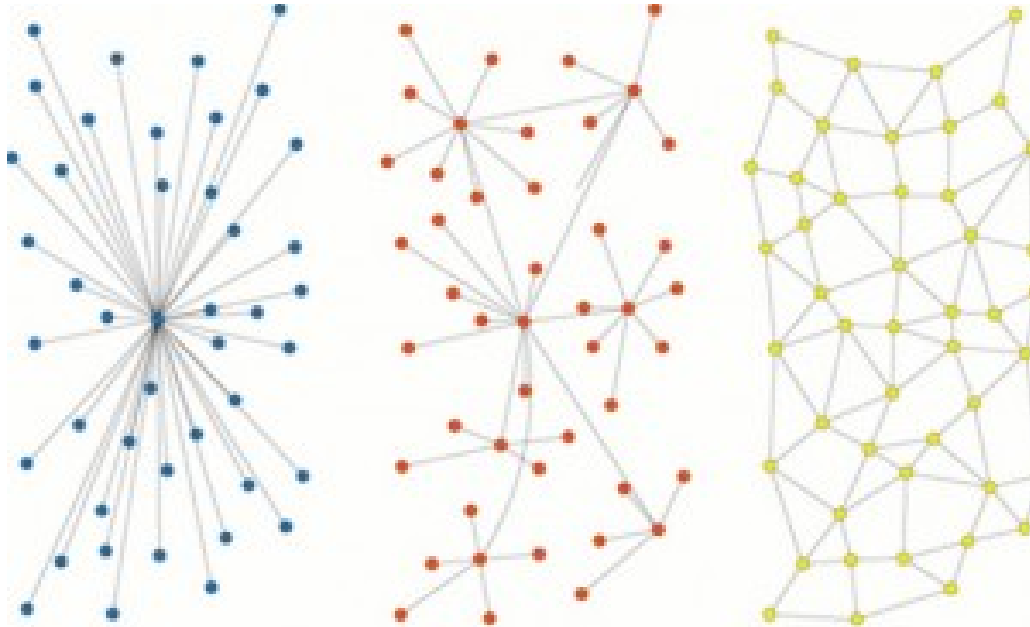


Ecossistema de Negócios & Economia Colaborativa

☯ Social Coworking ☯



Rede Centralizada

Rede Descentralizada

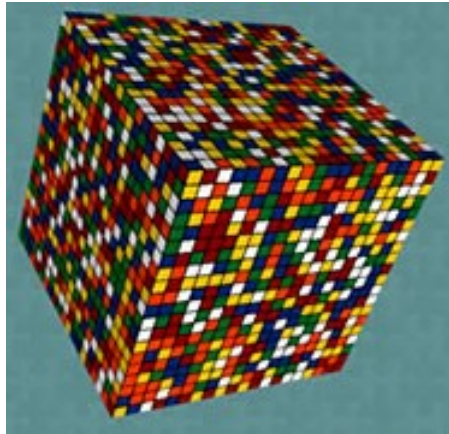
Rede Distribuída

<https://pt.slideshare.net/augustodefranco/redes-distribuidas-20set08-presentation>

Observando as diferenças e as respectivas limitações e potencialidades de cada estrutura em Rede, torna-se óbvio que as Redes Distribuídas oferecem grande vantagem qualitativa, de segurança e de resultados sobre as demais – ainda que pareçam ameaçar “O Sistema”.

“(…) Na Rede com grau máximo de distribuição cada nodo tem o mesmo número de conexões do que o nodo central da rede com grau máximo de centralização” (Augusto de Franco).

A imagem das configurações de Redes possíveis suscita muitos entendimentos sobre vários conceitos. Vamos partir de alguns, você poderá ampliar e compartilhar esta lista: [#Energia](#), [#Sinergia](#), [#Competição](#), [#Colaboração](#), [#Conexões](#), [#Sistemas](#), [#Ecossistemas](#), [#Divergência](#), [#Convergência](#), [#Força](#), [#Fraqueza](#), [#Compartilhamento](#), [#Distribuição](#).....



Diversidade na Unidade

E o que dizer de uma imagem como esta? Talvez, no refrão utilizado por vários autores de músicas, esteja a explicação mais simples, explícita!

“(…) *‘Tamo’ tudo junto e misturado*” – o que não implica dizer, necessariamente, desorganizado. É possível permanecermos individualizados, agrupados e distribuídos; coordenados e sincronizados – não existem aí, necessariamente, contradições.

#Diversidade, #Singularidade, #Complexidade, #Planos, #Matizes, #Bloco, #Sincronicidade!

Contextualizando Economia:

A Economia é dinâmica, evolui transforma e é transformada, e tem passado por grandes questionamentos, por alguns experimentos e algumas revoluções ao longo da história.

Este não será um tratado sobre Economia, mas a Economia – em particular a Economia Colaborativa sim, é o Objeto de nossas considerações.

Camila Haddad produziu e compartilha um excelente curso intitulado: **Economia Colaborativa – Novas Formas de Nos Organizar em Sociedade.**

<https://descola.org/cursos>

Como não poderia deixar de ser, este é um curso coerentemente colaborativo, pois é gratuito.

Orientei minhas considerações pelo conteúdo desenvolvido no curso produzido pela Camila Haddad, e procuro estabelecer nexos com um projeto do qual participo: um Social Coworking.

O objetivo das considerações sobre Economia Colaborativa é o de contextualização para apresentar, ao final, o Social E.Coworking. Feitas as referências ao curso e à autora, me permito destacar alguns pontos desenvolvidos pela Camila. Espera-se que despertem o interesse por aprofundamento da compreensão acerca da Economia Colaborativa, o que pode se através do curso indicado.

Entendo e recomendo que a Economia Colaborativa entre na pauta do interesse das pessoas, de suas iniciativas, comunidades e de suas organizações, ou algum dia, será

como estar em frente a um TELEX aguardando relacionamentos que transcorrem no 'ambiente' da Internet.

O Presente ainda conta com uma imensa maioria de organizações estruturadas com os princípios do Passado – terão, certamente, Futuro incerto!

[#Escassez](#), [#Egoísmo](#), [#Competição](#), [#Bens](#), [#Lixo](#), [#Qualidade](#), [#Vida](#), [#Acesso](#), [#Gestão](#), [#Recursos](#) [#Serviços](#), [#Motivação](#), [#Abundância](#), [#Compartilhamento](#), [#Rede](#), [#Distribuição](#), [#Eficácia](#), [#Produção](#), [#Consumo](#).

Economia Colaborativa:

“São pessoas conectadas de forma distribuída para realizar coisas ou solucionar problemas de forma independente das grandes instituições”

(Camila Haddad)

A Economia Colaborativa é disruptiva, por exemplo, através das [moedas sociais](#), dispensa o intermediário bancário em suas transações. Para avaliar se um projeto é orientado à Economia colaborativa, torna-se necessário avaliar se este projeto desafia as premissas da [#Escassez](#) e da [#Competição](#). Se o projeto privilegia as Relações Pessoais.

A [Ordem dos Valores](#) deve ser o que fundamenta um projeto que se possa classificar como sendo alinhado com a Economia Colaborativa. Na Economia Colaborativa os 'Valore\$' são consequência de algo maior, de um engajamento em comunidades de interesses em comum, e são gerados e consumidos privilegiando o compartilhamento de recursos.

Desenvolvendo a produção colaborativa, como se dá o consumo colaborativo?

Camila propõe uma divisão em três grandes movimentos:

1º - Sistema de Produtos-Serviços.

O Produto se transforma em Serviço. A lógica da Posse muda para a lógica do Acesso. Hoje é possível emprestar, alugar, ['peear to peear'](#). Compartilhar Recursos disponíveis – segundo o princípio da Abundância e não da Escassez.

Recursos de toda a ordem são, cada vez mais, Compartilhados. Carros, Bicicletas, Imóveis, Moedas e muitos outros recursos podem ser compartilhados diminuindo e até mesmo eliminando a cadeia de intermediários.

2º - Mercados Redistributivos.

Observa a lógica de 'circular' entre consumidores aquilo que já não é mais utilizado por um indivíduo ou grupo. Não descartar simplesmente, circular repassando àqueles que poderão utilizar o recurso. Camila cita, como exemplo, a rede social [SKOOB](#) (Lê-se Books – ao contrário) que possibilita o compartilhamento de livros. Hoje mesmo (16/09/2017), no

programa “Como Será?” - da Rede Globo de Televisão, foi apresentada uma iniciativa que tem sido replicada pelo mundo afora: a disponibilização nas vias públicas em armários - produzidos com madeira de *pallet* e/ou descartadas, os itens que não tenham uso para seus proprietários. Mas não apenas isto, distribuí-se também mudas de plantas e o que mais se desejar.

3º - Estilos de Vida ou Forma de Consumo

Os diferentes estilos de vida que estão alinhados com a Economia Colaborativa pressupõem formas de consumo sustentável, que utiliza recursos disponíveis que seriam desperdiçados, dos quais alguns bons exemplos são: as redes de oferta de espaços disponíveis em residências, otimizando a utilização do recurso ao alugar para viajantes e turistas, em alguns casos compartilhando mais do que os espaços – oferecendo alimentação ou algum serviço. Existem jardins que são compartilhados, cultura de vegetais produzidos em espaços urbanos e muito mais. Nossos computadores podem compartilhar sua capacidade de processamento ociosa, automaticamente, depois de integrarem uma rede de Universidades e Centros de Pesquisas, com projetos que demandam capacidade de processamento que exigiriam supercomputadores e milhões de dólares em investimento, gerando Economia colaborativamente.

O Coworking

Na Wikipédia temos que o *“**Coworking** (ou **Co-working**) é um modelo de trabalho que se baseia no compartilhamento de espaço e recursos de escritório, reunindo pessoas que trabalham não necessariamente para a mesma empresa ou na mesma área de atuação, podendo inclusive reunir entre os seus usuários os profissionais liberais, empreendedores e usuários independentes.*

É uma maneira utilizada por muitos profissionais autônomos para solucionar o problema de isolamento do modelo de trabalho conhecido como Home Office. Além disso, é uma ótima alternativa para aumentar sua produtividade e fazer novos contatos de negócios através do networking.”

Vejam, temos aqui um modelo de negócio que assimila e assemelha bastante com a Economia Colaborativa, em seus princípios.

O Coworking possibilita que os três grandes movimentos da produção e consumo colaborativo se realizem. Se levarmos as características do Coworking para o campo dos estudos acadêmicos, dissecando o modelo, analisando suas diferentes ‘espécies’ será possível discutir, até mesmo a essência do Capitalismo, que tem em seu ‘DNA’ uma grande capacidade de se ajustar e absorver o que lhe é, por princípio, uma ameaça.

Sim esta questão possibilita um promissor campo de pesquisas!

Porém, no âmbito empírico é inegável que o Coworking compartilha a abundância de recursos, confere um novo estilo de vida no trabalho, possibilita estabelecer conexões peer to peer e confere grande potencial competitivo aos Coworkers. Diferentemente do Capitalismo que parte da Escassez. É inegável que o Coworking confere grandes

vantagens competitivas pela Abundância Compartilhada: temos a redução dos investimentos e dos custos fixos, logo, por consequência, redução dos preços melhorando a competitividade. O Coworking promove a constituição de uma Comunidade de Membros identificados com a Cultura da Colaboração, Compartilhamento e Cocriação; estendendo o acesso não apenas aos recursos físicos, mas aos recursos de uma rede de conhecimentos e de relacionamentos – uma Network de inestimável valor.



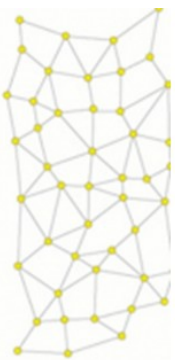
O Coworking é uma Rede Centralizada?

Se o comparamos exclusivamente pelo critério físico, de seu endereço e de seus recursos, a primeira impressão é de que se trata de uma Rede Centralizada, para onde convergem todos os interesses e compartilhamento de recursos. Uma dependência dos nodos da rede, em relação ao ponto central. Mas esta não é uma estrutura que identifica um Coworking.



Seria o Coworking, por acaso uma Rede Descentralizada?

Se considerarmos que os Coworkers como profissionais liberais, empreendedores ou empresas formam suas próprias redes e as interligam em uma relação ponto a ponto, sim poderemos entender o Coworking como uma Rede Descentralizada. As formações de nodos de interesses nesta configuração correspondem a 'clusters', que mantêm em comum os recursos compartilhados assim como geram sinergias entre si.



O Coworking seria então uma autêntica Rede Distribuída?

A rigor não, o Coworking não é uma Rede Distribuída, o Coworking por compartilhar recursos em um Centro apresenta a aparência de um uma Rede Centralizada; e também de uma Rede Descentralizada. O Coworking mantém as identidades e peculiaridades associadas no compartilhamento dos recursos passíveis de serem consumidos em comum.

A conclusão de um estudioso de Redes parece indicar que não seria o conceito de Redes o mais apropriado para caracterizar um Coworking.

Augusto de Franco ([Escola de Redes](#)) declara que:

“A rigor não podemos falar em Redes Distribuídas ou Redes Descentralizadas (monocentralizadas ou multicentralizadas, quer dizer, descentralizadas). Deveríamos falar em graus de distribuição (ou, inversamente, em graus de centralização)”.

(Augusto de Franco)

Em primeiro lugar seria necessário para que tivéssemos no Coworking uma estrutura de Rede absolutamente Descentralizada, a consciência e prática dos Coworkers compartilharia absolutamente tudo. E, por Absoluto está declarado que não implica compartilhar apenas parte dos recursos do ambiente físico e lógico de um Coworking – isto está claro.

Portanto. Um Coworking não realiza o ideal de uma Rede Descentralizada – mas alinha-se e promove, na medida do possível, este princípio de Rede, através de uma comunidade de interesses e compartilhamento de recursos.

Varias outras formas de ‘organização’ compartilham recursos. Temos, por exemplos, as Associações de Classe, as Cooperativas, os Sindicatos, o “[join Venture](#)” – dentre outras configurações. Pelas condições de Escassez passou a ser uma característica cultural e ancestral do Ser Humano se unir por interesses em comum, formando comunidades e grandes sociedades alinhando-se com a premissa da Escassez.

O que torna o Coworking diferente destas outras organizações?

A resposta não é fácil de ser elaborada, mas eu diria que, inversamente do que tem sido até então, é o senso de Colaboração à frente do de Compartilhamento de recursos que o torna diferente – por princípio. O Compartilhamento dos recursos é comum às outras organizações, a Colaboração também. Mas, o que difere é o princípio, que em meu conceito, configura um ambiente privilegiado de Colaboração e Compartilhamento, uma organização e infraestrutura de uma Economia Colaborativa, um “Ethos” – preservando a singularidade.

Concluo, portanto, que o Coworking embora constitua Redes e possa ser avaliado por esta característica, é mais adequadamente definido como um [Ecossistema de Negócios](#).



(...) “O Professor Carlyss Y. Baldwin estuda o tema dos ecossistemas de negócios – definidos como grupos de empresas que conjuntamente oferecem produtos complexos e serviços relacionados para atender de ponta-a-ponta as necessidades de usuários na cadeia de valor”.

A Descentralização a partir do Coworking ainda tem muito a caminhar, talvez, se chegar a existir, Coworking nem mesmo será um conceito que se aplique. A evolução do conceito de Coworking possui conotação Social e não de sociedade e poderá criar outro Conceito e configuração.

Um Social Coworking, por exemplo, vai além do simples compartilhamento de recursos entre membros de uma comunidade de Coworkers por razões estratégicas; assume e realiza muito mais, observa um princípio Ético-Social e contribui com terceiros, fora da comunidade de Coworkers – perfeitamente alinhado com a Economia Colaborativa autêntica.

Imagine-se estabelecer uma Rede de ambiente de Social Coworkings. A que níveis uma configuração como esta poderá contribuir para com a Economia Colaborativa!

Que impactos podemos inferir hoje sobre o como e o quanto os [Social-Coworkers](#) impactarão em todos os diferentes Ecossistemas: Ambiental, Social e Empresarial!

Realmente muito a ser explorado e muito a evoluir, as trilhas já estão abertas.

Consideramos que a Gestão dos Recursos finitos deve ocorrer em um novo modelo econômico, como através da [Economia Criativa](#), [Colaborativa](#), [Compartilhada](#) e em contínua Cocriação pelos partícipes destes princípios.

Esta tendência promoverá uma grande transformação da sociedade, evoluindo do princípio do Capital Material pela Escassez, para o Capital Moral da Abundância – um realinhamento da Ordem dos Valores.

A partir da perspectiva de Augusto de Franco, pode-se dizer que, no Social Coworking em conexão com outros sociais Coworkings, cria a possibilidade de um grau avançado de Descentralização em Redes, um caminho para as Redes Distribuídas.

Acredito que o próximo passo do Ecossistema de Coworkings, será, provavelmente, a instituição da [Moeda Social](#) - ampliando em muito, a Economia Colaborativa e aproximando ainda mais o Social Coworking da estrutura de Redes Distribuídas.

Parafrazeando Neil Armstrong: “***Um pequeno passo para o Social Coworking, um salto gigantesco para a humanidade***”.

Wander Luiz Pio de Sena é Diretor da **Forma Soluções em Gestão e Educação**, empresa que está implantando e fará a gestão do E.Coworking em Divinópolis – Um projeto do GEEC – Grupo Educação, Ética e Cidadania, mantenedor da ADS – Agência de Desenvolvimento Sustentável do Vale do Pará.

www.formavirtual.com.br - contato@formavirtual.com.br

www.ecoworking.net.br - contato@ecoworking.net.br

